

Alisia y Cloris abren de par en par la puerta y torpes, con el dorso de la mano haragana, restriéganse los hmedos ojos de lumbre incierta, por donde huyen los últimos sueños de la mañana... La inocencia del día se lava en la fontana, el arado en el surco vagaroso despierta y en torno de la casa rectoral, la sotana del cura se pasea gravemente en la huerta... Todo suspira y ríe. La placidez remota de la montana suena celestiales rutinas. El esquilón repite siempre su misma nota de grillo de las cándidas églogas matutinas. Y hacia la aurora sesgan agudas golondrinas, como flechas perdidas de la noche en derrota. El Despertar

La tierra ofrece el ósculo de un saludo paterno... Pasta un mulo la hierba mísera del camino y la montaña luce, al tardo sol de invierno, como una vieja aldeana, su delante de lino. Un cielo bondadoso y en un céfiro tierno... La zagala descansa de codos bajo el pino, y densos los ganados, con paso paulatino, acuden a la música sacerdotal del cuerno. Trayendo sobre el hombro leña para la cena, el pastor, cuya ausencia no dura más de un día, camina lentamente rumbo de la alquería. Al verlo la familia le da la enhorabuena... mientras el perro, en ímpetus de lealtad amena, describe coleando círculos de alegría. El regreso

A punto de dormirte bajo el ledo suspiro del arcángel que te guía, hirieme el corazón tu analogía con una ingrata que olvidar no puedo. Reclinada en el banco del viñedo, junto al tilo de exámine apatía, al iluso terror de que eras mía me arrodillé con tembloroso miedo. Partido por antiguo sufrimiento, sobre tu frente agonice un momento... y cuando el sueño te aquietó en el blando tul irreal de los deliquios tuyos, uniéronse mis labios a los tuyos, y como un niño me alejé llorando! \* El banco del suplicio

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 08 – 2010 SETEMBRO

Assinatura até 31.12.10: 3 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

a la vez desdén y mimo, a un tiempo reproche y lágrimas, distantes como en un éxtasis, como en un beso cercanas...

Pero no: cerrad los ojos, imaginadla, soñadla, reflejada en el cambiante espejo de vuestra alma.

Gerardo Diego 1896-1987, Ella, Versos Escogidos, 1970 Editorial Gredos, S.A., Madrid

Julio Herrera y Reissig, Los éxtasis de la montaña; Eglogánimas y \* Los parques abandonados, Eufocordias; ... *et puis je suis parti, pleurante comme un enfant!* Muset, Poesía Completa y Prosas, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal Augusto Costa

Meu amor, botão ainda, desabrochou na alvorada, e agora é uma rosa linda, mas de saudade orvalhada. Amaryllis Choenbach, 1008 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia, CE

À vontade em sua rede, me dizia grande amiga, abraço não mata a sede, nem o beijo enche barriga. Arlindo Nóbrega, 1006 Meyapalavra Rua João Cordeiro 1991, Ap 101B 60110-301 – Fortaleza, CE

Minha netinha embalando, da alegria eu sigo os passos. Julgo-me o inverno cantando com a primavera nos braços. Lílina Fernandes, 1008 Trovia alu@mgalink.com.br

Mais vale um tostão no bolso com saúde e alegria do que sonhos e alvoroço, em frações de loteria... Manoel F. Menendez

Já que a saudade é a medida do quanto quisemos bem, quem poderá nesta vida, não ter saudades de alguém? Miguel P. Cione, 1009, Acontecências: R. Manoel F. Albuquerque, 457 53427-270 – Paulista, PE

Reza o dito popular que Deus perdoa... é veraz, que o homem às vezes perdoa e a natureza... jamais! Vicente Amorim, 1008 Binóculo jbatista@unifor.br

Dói a saudade em meu peito e eu canto, não silencio... Quanto mais pedras no leito mais alto o canto do rio! Aloísio Alves da Costa

Que bom se *servos e reis* firmassem leis ...e, depois, o firme poder das leis fosse o mesmo para os dois! Edmar Japiassú Maia

O sol que me incendeia, à luz da terceira idade, parece uma lua cheia no infinito da saudade! Eduardo Toledo

Quem vence porque tem fibra não descuide, em sua glória, da humildade que equilibra o orgulho pela vitória. Izo Goldman

A rezar, ora me ponho, seu perdão quero obter... Não sou o pai do seu sonho, sou o pai que eu posso ser! José Valdez de Castro Moura

O outono tem seus esplendores troca, a mata, a roupagem: desfaz o manto de flores e põe frutos na paisagem! Maria Thereza Cavaleiro

Littera Trova 1008 – Boletim UBT, Seção de Tremembé, SP, com páginas mensais (mais de 10!) numeradas!!! – Caixa Postal 119, Taubaté, SP, fones 012 3025-0921 ou 8154-2177



## QUIDAIIS DE PRIMAVERA – TEMAS DA PRIMAVERA

Sublime coral acompanha o sol no ocaso... canto de andorinhas. Anita Thomaz Folmann

Semana da Pátria. No desfile da escola, bandeira tremula. Cecy Tupinambá Ulhôa

Suave aroma sinto e paro espiando a florada lílãs do jacinto. Fernando L. A. Soares

Num canto da cerca, mãe natura salpicou uns ramos de amora. Fernando Vasconcelos

Bolha de sabão colorida, se desfaz. Chora o menino. Helvécio Durso

Formigas famintas, atrás de um verde à janela! Broto de roseira. Leonilda Hilgenberg Justus

A empresa festeja o Dia da Secretária... – Chefe emocionado... Maria Madalena Ferreira



## HAICUS E M FOLHA

A pipa avançando serpenteia no alto espaço, com fúria e beleza! L Amália Marie Gerda  
Pipa esvoaçante tenta alcançar as estrelas... Ave de papel! L Amália Marie Gerda  
No galho mais alto o azulão se agita. Os filhotes piam. H Amauri do Amaral Campos  
Cresce paratudo na horta medicinal. Halo de insetos. L Amauri do Amaral Campos

Pipas coloridas dançando pelo infinito. Crianças em férias. A Analice Feitoza de Lima  
Flores amarelas. Em baixo do paratudo pássaros andando. L Analice Feitoza de Lima  
Destruição geral. Azulões pelo roçado detonando o arroz. X Analice Feitoza de Lima  
Na campina verde, as flores do paratudo. Cores brasileiras. L Angelica Villela Santos

O canto suave do azulão engaiolado pede liberdade. L Argemira F. Marcondes  
Um toque de azul colore a capoeira... Casal de azulões. L Darly O. Barros  
Pelos mãos do avô a pipa verde e amarela ganha a imensidão. L Darly O. Barros  
Céu cristalino um azulão solitário procura alimento. X Denise Cataldi

Meninos sentados, deixam as pipas no chão. Parou o vento. L Djald Winter Santos  
Som melodioso ao amanhecer no campo. Canto do azulão. H Flávio Ferreira da Silva  
Azulão leve, livre, solto, pousa no galho. X Flávio Ferreira da Silva  
Crianças e adultos no campo de futebol. Festival de pipas. B Iracema Gomes

À procura de sombra, de galho em galho, o azulão. L Iracema Gomes  
Sol encoberto, alvoroço no quintal. Pipas no ar. L Iracema Gomes  
No azul profundo, o amarelo em galhos nus. Paratudo em flor. C Manoel F. Menendez  
Movimentos rápidos, vão trazendo suas pipas. Pingos de chuva. H Manoel F. Menendez

Começo da noite. Fechando os olhos no ninho azulão sozinho. H Neuza Pommer  
Ruído de asas que riscam o céu... Azulão. X Neuza Pommer  
Menino sentado passando cerol na linha. Pipa sobre a mesa. C Renata Paccola  
No meio da tarde, garoto soltando pipa atraí vizinhança. L Renata Paccola

Bando de azulões voando ao redor da árvore colore a paisagem. X Renata Paccola  
Primeiros albos. Na pitangueira à janela gorjeia o azulão. C Roberto Resende Vilela  
Ao sabor do vento, do sol e do azul profundo a pipa flutua. C Roberto Resende Vilela  
Flores amarelas tomam conta do jardim. Pés de paratudo. C Roberto Resende Vilela

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.  
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.09.10, enviar até 3 haicus de quigos: Cartão de Natal, Mariposa, Toró.  
Até o dia 30.10.10, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Carteiro, Joanhina, Mandacaru.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82  
05010-040 - São Paulo, SP  
ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

## P R I M E I R A C O M U N H Ã O

John Fante (Mark Twain redivivo?), O vinho da juventude; José Olympio Editora, 2010; Atendimento direto ao leitor: [mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) – Gentileza de Edmilson Felipe

Como me lembro bem da minha primeira Confissão e Comunhão! Tinha 9 anos. O dia está vivo e claro na minha memória. Lembro que eu tinha seis pecados para confessar. Precisava contar o meu confessor que falara palavras seis vezes. Não queria contar-lhe. Não queria revelar os palavrões. Ele era um homem santo. Ajoelhei-me no banco e tentei encontrar uma linguagem que transmitisse a essência dos meus pecados. Pensei em muitos

esquemas. Achei que podia dizer: “Falei palavrões seis vezes”, ou: “Pequei contra o Terceiro Mandamento seis vezes”, ou: “Usei palavras sujas seis vezes”, ou: “Falei coisas más seis vezes”, ou: “Disse coisas feias seis vezes”.

Durante um mês as freiras nos ensinaram a solenidade e a liturgia do confessorário. Comparar diante dele pela primeira vez seria o acontecimento mais importante de nossas vidas, pois depois disso teríamos as consciências de pecadores. Nós

saberíamos distinguir o bem do mal.

Havia oito meninos e oito meninas em nossa primeira classe de confissão. Tínhamos 7, 8 ou 9 anos de idade. As meninas ajoelhavam-se dois bancos à frente dos meninos. Uma garotinha feia que acabou se tornando freira ajoelhava-se à minha frente. Chamava-se Catherine. Era uma garotinha com pele branca fina e omoplatas sobressalentes. Chorava desoladamente. Seus ombros tremiam e se convulsionavam enquanto

eu encostava o queixo no banco à minha frente e fazia malabarismos com meus seis pecados. A igreja velha e fria estava vazia a não ser por nós dezesseis e por uma freira. Os soluços de Catherine avolumavam-se e enchiam a igreja como tímidas baforadas de fumaça. Seu vestido dançava ao balanço dos soluços. A freira aproximou-se do vestíbulo na ponta dos pés. Colocou um braço coberto de pano preto ao redor do ombro da menina

e acariciou gentilmente seus cachos.

– Vamos, vamos! – sussurrou. – Não agrade tanto assim a coísa. Tenho certeza de que o Senhor sabe que você se arrepende dos seus pecados.

Nós meninos nos entreolhamos e abafamos o riso. A pudica da Catherine lamentando seus pecados! A maricota da Catherine arrependida de seus pecados!

Arrependida dos seus pecados? Olhei para os cachos que dançavam. Por que estaria *ela* chorando? Se havia alguém naquela classe que tinha o direito de chorar, era eu. Catherine chorando? Huh! Maricas, maricas, maricas! Esperem só até que ela tivesse algo realmente pecaminoso para confessar. Então ela podia chorar, justificadamente. Esperem até que ela tivesse que confessar aquilo que *eu* tinha de confessar. A maricota da Catherine!

Imediatamente comeci um mau hábito que me acompanhou por muito tempo a a partir de então. Comecei a examinar sua consciência por ela. Procurei nela falhas tão grandes quanto as minhas. Era uma garota muito boa. Recebia notas altas. Conhecia de cor *Excelsior* e *Lead*, *Kindly Light*. Repassei na memória os verões e os dias em que a conheci. Não podia encontrar nada que justificasse uma choradeira. Imaginei-a no ato de cometer um pecado. Tirei-a do banco da igreja e a transportei para o território do posto de gasolina, meu ponto favorito. Eu a encostei contra a parede do posto de gasolina, coloquei uma guimba de cigarro na sua boca e a fiz praguejar, dizer os seis terríveis palavões. Mas não chegou a ser convincente. A maricota da Catherine simplesmente não faria aquilo. Não era capaz de dizer palavões como eu. Ninguém era capaz de dizer palavões como eu. Ninguém era safoado o bastante. Ninguém... e dei uma fúgada.

Muito antes que o padre viesse da sacristia, eu estava chorando mais que a pequena Catherine. Eu era o sujeito mais safoado que já existira. Comprimi o antebraço no meu nariz e enfiei o rosto nele. O garoto à minha esquerda chorava baixinho. O sujeito à minha direita klareou a garganta. Lenços brancos esvoaçavam entre as meninas nos dois bancos da frente. Todo mundo chorava. A freira, também levada a lágrimas de êxtase, declarou-nos como sua classe mais edificante.

## II

O padre saiu da sacristia e ajoelhou-se para um momento de prece diante do altar. Talvez, pensei, esteja rezando para nosso Senhor, pedindo a Ele que não mande ao confessorário ninguém que tenha palavões a confessar. A imagem de Cristo, Sua toga aberta, mostrando um coração sangrento trespassado por dois estiletos, implorava para nós do topo do altar de mármore. Tive a certeza de ver Seus olhos se mexerem. Tive certeza de que O vi

respirar. Tive certeza de que o sangue escorria do Seu coração.

Enfieei a cabeça na dobra do cotovelo e uivei:

– Oh, querido Jesus, não vou mais falar palavões! Vou ser bom! Não vou ficar mais à toa no posto de gasolina! Pode acreditar! Me dê outra oportunidade e vai ver!

O padre desceu do altar até o confessorário. Seus pés afundavam no tapete como correntes de ferro. Tirou um palito da boca e cuspiu uma lasca no chão. Com uma curiosidade e ansiedade ofegante, todos os 16 o observamos. Asou o nariz e o acariciou amistosamente com o lenço. Olhou para a galeria do coro por um momento, como se tivesse esquecido algo. Sorriu para a freira, contou quantos éramos, suspirou e entrou no confessorário.

As confissões começaram. As meninas foram primeiro. Cada uma levantava-se do banco e olhava para trás, temerosamente, para a freira. Ela acenava bondosamente com a cabeça e apontava para o confessorário. As meninas entravam mansamente, uma a uma. Através da porta de vidro embaçado podíamos ver cada penitente, ajoelhando-se diante da cabina. Ouvíamos o clique-claque, clique-claque, em intervalos de dois minutos, da pequena treliça de correr que separava o padre do penitente. Uma a uma as meninas entraram e saíram. Seus olhos continuavam enrugados das lágrimas, mas os lábios exibiam sorrisos discretos de alívio.

O primeiro menino que se confessou saiu com muito barulho. Emergiu zunindo, o peito empinado. O seguinte tinha nos olhos uma pequena opínio; foi sopa! dizia.

Subitamente, decidi me confessar com franqueza. Comecei a ficar ousadamente arrependido. Querida entrar e a acabar logo com aquilo. Sentia pena do padre. Minha confissão queimaria suas entranhas.

Quando por fim chegou minha vez, eu estava ávido para entrar. Dei um salto e entrei. Ajoelhei-me e fiz o sinal da cruz. A cabina estava escura e fria, cheirando como uma geladeira. A porta de correr clicou. Lá estava o padre com o nariz no lenço. Respirei fundo. Comecei o ritual prescrito. Imediatamente minha coragem congelou.

– Me abençoe, Pai, confesso a Deus Todo-Poderoso e ao senhor, Pai, que pequeei. Esta é a minha primeira confissão.

E então:

– Cometi seis pecados. Falei coisas muito ruins, padre. Eu sabia que era pecado, também. Disse algo que o senhor não vai apreciar, padre. Não farei isso de novo, padre. E agora peço do senhor penitência e absolvição, padre.

– Não posso lhe dar penitência e absolvição enquanto não souber os pecados que cometeu – o padre sussurrou.

– São terríveis, padre. Acho que

ficará zangado quando eu lhe contar, padre.

– Não, não ficarei zangado. Precisa me contar.

– Oh, padre. Foram terríveis. Não vai gostar disso, padre.

O padre mudou de posição, mexendo o braço. Achei que ia me bater.

Ele disse:

– Você ofendeu o nome do Senhor? – Oh, foi muito pior do que isso, padre. O senhor não sabe o quanto foi pior, padre.

– Falou palavões? Precisa me contar. Não deve ter medo.

– Oh, lamento muitíssimo, padre.

– Conte para mim. O padre é seu amigo.

– Oh, lamento terrivelmente, padre. O padre suspirou.

– Disse “que se dane”.

– Oh, foi pior, padre.

– Disse “Jesus Cristo”?

– Oh, não, padre. Nunca digo isso.

– Disse “bastardo”?

– Não, padre. Mas foi quase isso, padre.

– Disse “filho da puta”?

– Sim, padre.

O padre suspirou.

– Foi tudo?

– Oh, sim, padre.

E recitei o resto da fórmula.

– E lamento este e todos os pecados da minha vida passada e peço penitência, perdão e absolvição do senhor, padre.

Ele me deu minha penitência – umas poucas orações. Ergueu a mão em silenciosa absolvição. Saí do confessorário. Estava feliz, muito feliz. Ajoelhei-me o altar e disse minha penitência. Saí para o sol de uma tarde serena. Nunca me senti tão imaculado. Eu era uma barra de sabonete. Era água fresca. Era papel laminado brilhante. Era um terno novo. Era um corte de cabelos. Era véspera de Natal e uma caixa de bombons. Eu flutuava. Eu assobiava. Um dia eu seria padre. Era melhor correr para casa agora e dar de comer às galinhas e aparar a grama e trazer para dentro o carvão e a lenha e ir ao armazém.

## III

Na manhã seguinte os 16 íamos receber a nossa Primeira Comunhão. Os meninos deviam vestir camisas brancas e calções escuros. Minha mãe estava no hospital, por isso meu pai pediu à minha avó que cuidasse de mim e me vestisse. Eu não tinha uma camisa branca, mas minha avó disse que ia dar um jeito, sem problema. E deu um jeito mesmo! Foi até o guarda roupa e pegou uma das camisas brancas do meu pai. Cortou as mangas nos cotovelos. Eu podia usá-la agora, disse. Achei que era uma camisa fabulosa, a do meu pai. Cobria-me como um lençol. Os bolsos caíam abaixo da cintura. As mangas ainda estavam compridas demais. A fralda ficou estufada como um travesseiro. Minha avó concordou: era certamente uma bela camisa. Deu-me a

sua bênção e eu fui para a missa das nove. Devia oferecer minha Primeira Comunhão ao sucesso da operação da minha mãe. Iam conduzi-la à sala de operação naquela manhã.

Mas só minha avó e eu achávamos que eu vestia uma camisa fabulosa. A Madre Superiora guinchou quando me viu perfilado com minha companhia. Correu até mim. Agarrou minha manga, comprida e baluçante, com fios soltos. O pano gemeu, rasgando até o meu cotovelo.

– Pelo amor de Deus! Vá até sua casa e coloque uma roupa.

Era difícil entender. Eu achava que era uma bela camisa, a do meu pai. Os sujeitos riram e disseram coisas sobre barracas, toldos e sacos de anagem. A missa ia começar em cinco minutos.

Minha mãe iria ajeitar minha camisa. Mas eu precisava me apressar. Em pouco tempo começariam a operação. Eu sabia destas coisas, pois haviam acontecido duas vezes antes no mesmo ano.

Corri pela cidade – vinte quarteirões – até o hospital. Subi rastejando os três lances de escada até o quarto de minha mãe. Abri a porta e os vi removendo-a da cama de hospital para a maca sobre rodas. Vi minha mãe. Estava branca demais para costurar. Parecia que seu rosto estava coberto de talco; como uma garota, tinha os cabelos amarrados em trança.

Ela me viu. Pegou minha mão e sorriu.

– Ele é um anjo – disse minha mãe à enfermeira. – Foi fazer a comunhão por mim esta manhã. É por isso que não tenho medo.

Eu desabafei:

– Ainda não fui, mãe.

Ela não ouviu. Eu quase repeti a frase, mas a enfermeira colou uma mão com um cheiro esquisito sobre minha boca. Eu as segui pelo corredor borrachoso e odoroso. A cama sobre rodas deslizava silenciosamente para a sala de operação. Minha mãe me viu no vestíbulo. Pediu às enfermeiras que parassem. Acenou com os dedos para mim. Corri na ponta dos pés para o seu lado.

– Esta não é a camisa do papai? – perguntou.

– É – falei.

– Deixe-me ajeitá-la.

– Não pode agora – disse a enfermeira. – O doutor está esperando.

– Só um alfinete de fralda – minha mãe disse.

A enfermeira deu-lhe um. Ela o prendeu no cotovelo da manga rasgada para impedir que rasgasse mais.

– Diga à vovó para consertar isso – minha mãe falou. – Nos beijamos.

Eles a empurraram para dentro e eu desci os degraus do hospital. Estava atrasado para minha Primeira Comunhão. Segui para casa lentamente. Logo me esqueci completamente da comunhão. Eu estava orgulhoso dessa bela camisa do meu pai. Abri o colarinho e deixei a brisa encher minha cintura. A

camisa se inflou como um balão.

Tentei explicar a minha avó. Ela falava pouco inglês e entendia ainda menos.

– Nada de comunhão – eu disse. – Camisa não presta. Irmã não gosta. Manga muito comprida. Irmã rasgou. Mamãe mandou consertar.

– Sim, sim – ela disse. – Vai consertar... Pegou a tesoura e cortou as mangas na altura dos ombros. Agora a camisa caía nos meus cotovelos.

## IV

Naquela noite meu pai suspirou ao ver sua bela camisa tão amputada e fez um ruído com os dentes e a língua: tsc, tsc, tsc.

– Agradeço a Deus quando sua mãe voltar para casa – disse.

Quando ele soube o porquê daquilo, chacoalhou os pratos com um punho descontrolado. Ficou furioso com a freira. Eu observei e ouvi com grande orgulho. Ele grunhiu e apertou as têmporas com as mãos.

– Por Jesus Cristo, amanhã você vai à comunhão e vai usar uma camisa de trabalho azul, entendeu. Uma camisa de trabalho. Não uma camisa branca, ou uma camisa verde, mas uma camisa azul. Uma camisa azul. Azul! Azul! Azul! E vou colocá-lo na escola pública. Estou cansado de pagar as mensalidades, de qualquer modo.

– Cale a boca! – minha avó disse em italiano. – O tempo todo você fala, fala, fala e não diz nada. O tempo todo. Cale a boca!

– Cale a boca a senhora! – meu pai disse. – Quem sustenta esta casa? Eu ou a senhora?

– Blah! – minha avó respondeu. – Cara de pau.

Na manhã seguinte havia muitas surpresas sobre a minha cama. Um novo par de calções. E um novo par de sapatos. E três camisas brancas novas. E um novo par de meias. E dois novos pares de cuecas. E um boné novo. E duas novas gravatas.

Na cozinha, ouvi meu pai cantarelhando sobre o seu café da manhã. Havia passado com minha mãe a maior parte da noite e sua operação fora um sucesso.

Minha avó disse ao meu pai:

– Por que comprou camisas brancas para ele? Sujam com facilidade e ele vai rasgá-las. Azul é melhor.

Meu pai disse:

– Nenhum filho meu vai usar uma camisa azul, nunca.

– Está maluco – disse minha avó.

– Mais bacon, por favor – disse meu pai.

Fui à igreja. Depois que os sinos tocaram o *Sanctus*, caminhei pelo corredor até o parapeito da comunhão. Havia um milhão de grilos cantantes nos meus sapatos novos. As pessoas erguiam o olhar de suas preces para ver quem fazia aquele barulho. Dobravam o pescoço para ver meus sapatos novos.

Menino!

Roberto Rucci

## O MISTÉRIO DO RELÓGIO

A notícia da construção do primeiro relógio mecânico em Praga pelo Papa Silvestre II espalhou-se por todos os reinados da Europa. O rei Turobj de um reinado próspero da Gália determinou ao artífice da corte, Magnus, a imediata

construção de um relógio mecânico na torre do palácio. A grande novidade do relógio era de marcar as passagens das horas acompanhadas de sons de uma canção popular entre os súditos.

Após a construção, o rei mandou cegar Magnus

para evitar que o relógio fosse copiado por outros reinados. Uma noite, Magnus acompanhado de Lucas, seu aprendiz, subiu à torre do palácio, retirou uma pequena peça das engrenagens do relógio.

O reinado de Turobj, mergulhou no silêncio das horas e na indignação dos súditos. No raiar da aurora, Lucas fugiu levando o segredo do relógio para outros reinados.

Josué de Vargas Ferreira, **TROVAS DE GRAÇA** – 2006, UBT e AFABB de Ribeirão Preto, SP

Expulso do Éden, Adão  
confessa com um sorriso:  
– sem maçã não há cristão  
que fique no paraíso!

Quando me fazes o mal,  
isto não me faz um mau!  
Se acaso eu fizer-te mal,  
isto sim, me faz um mau!

Que vale fazer promessa  
rezando para chover,  
se quando a chuva começa  
queremos nos esconder!?

Mulher ter regra é normal  
e está dentro do padrão!  
Fugindo à regra geral  
a gravidez é exceção!

Adão, grande Dom Juan,  
nunca perdeu o juízo!  
Preferiu comer maçã  
a ser Rei do Paraíso!

Aborto, o bom professor  
um sábio e tranquilo monge  
diz com ar de sonhador:  
– a divagar se vai ao longe!